As sessões do mercado e como o ouro se comporta em cada uma delas

O mercado do ouro funciona vinte e quatro horas por dia durante os dias úteis, mas isso não significa que o preço se comporte da mesma maneira a toda a hora, porque o dia divide-se em sessões, que são os blocos de tempo ligados aos principais centros financeiros do mundo segundo a sua zona horária. As três principais são a asiática, a de Londres ou europeia, e a de Nova Iorque ou americana, e na minha interpretação cada uma presta-se a coisas distintas, não porque mudem aqueles que movem o preço, mas sim porque mudam as condições e regulamentações de cada bloco. Contudo, o importante não são os horários, mas sim entender a lógica daquilo que costuma acontecer em cada momento do dia, e antes de mais quero deixar clara uma ideia que para mim é a base de tudo isto: a dinâmica de mercado que move o ouro é a mesma em todas as sessões; não é por os movimentos na Ásia serem feitos por uns e em Londres por outros, pois isso faz parte da narrativa que circula tradicionalmente. O que verdadeiramente acontece, na minha opinião, é que essa mesma dinâmica simplesmente muda de velocidade, força, localidade e horário e, segundo o bloco em que se encontre, encontra condições distintas que aproveita de maneira distinta. Não são participantes diferentes consoante o país, é o mesmo fundo a operar sob circunstâncias que mudam ao longo do dia.

Comecemos pela sessão asiática, que é a primeira a abrir: arranca de madrugada na hora de Espanha, por volta da uma hora, e estende-se durante boa parte da madrugada. Na minha interpretação, esta é uma sessão onde o ouro costuma mover-se em condições de menor volume geral, o que a torna num terreno mais fácil de empurrar, especialmente com movimentos em alta que parecem chamativos mas que muitas vezes não têm continuidade à medida que o dia avança. Ultimamente tem-se visto o ouro a mover-se bastante nesta sessão, e a versão que circula por todo o lado diz que é devido ao Banco Central da China a comprar ouro; na minha opinião, isso é completamente falso. O Banco Central da China, neste caso, cumpre o mesmo papel que as notícias ou os eventos geopolíticos: é uma desculpa à qual se atribuem os movimentos para justificar aquilo que, na realidade, responde a outra coisa. O que interpreto que acontece é que a madrugada asiática, ao mover-se nessas condições de menor volume, constitui um momento propício para liquidar, para acomodar o preço, para o empurrar para onde é necessário sem a fricção que existiria em pleno dia com a presença de participantes das outras duas sessões principais; ou seja, existe uma facilidade visto não haver tanta oposição no preço. Por isso convém ter cuidado com o que acontece na Ásia, porque no meu entender não atribuo à sessão asiática o peso de marcar a verdadeira rumo do preço; vejo-a mais como um terreno de agressividade, acomodação e de muita volatilidade noturna do que como uma sessão direta onde se defina o essencial. É habitualmente utilizada para terminar de cumprir objetivos ou tendências — de facto, o atual máximo histórico do ouro em 5600 ocorreu na sessão asiática, em poucos minutos, como refiro devido à ausência da mesma regulamentação sobre o preço e de outros participantes a defenderem que não ocorram movimentos extremos, permitindo a execução de movimentos excessivos que noutras sessões não se verificariam.

Segue-se a sessão de Londres, que abre às nove da manhã na hora de Espanha, e na minha interpretação é a sessão mais importante para o ouro e para os metais em geral. Londres é o centro

histórico do ouro físico por grosso no mundo; é aí que se encontra o chamado London Bullion Market, gerido pela LBMA, que é onde se negoça o ouro físico verdadeiro entre os grandes bancos e operadores, e onde inclusivamente se fixa um preço de referência internacional do metal. Portanto, não se trata de um horário qualquer: é o bloco do dia que está colado ao coração do mercado físico do ouro, e na minha opinião isso confere-lhe um peso que nenhuma outra sessão possui. Quando Londres entra, o ouro costuma começar a mover-se de uma forma distinta da sessão asiática, e aqui quero fazer um esclarecimento importante na minha interpretação: a sessão asiática muitas vezes move o preço ainda mais do que Londres em termos de amplitude dos movimentos, sendo deslocamentos mais amplos e voláteis, mas isso não significa que sejam mais importantes nem mais reais, porque Londres tende a concentrar algo diferente. Em Londres costuma existir maior volume real, maior quantidade de fluxos de capital a encontrar-se e a entrar em conflito, embora isso muitas vezes se reflita em velas mais pequenas e não em grandes movimentos visíveis; ou seja, a Ásia pode mover o preço mais longe mas com menos substância por trás, enquanto Londres move menos em aparência mas com muito mais peso e colisão de capital real por dentro. Esse volume e esses conflitos de fluxos não são necessariamente detetados nas típicas ferramentas de *order flow* utilizadas pela maioria, porque uma boa parte daquilo que verdadeiramente move o ouro ocorre nesse mercado físico *over the counter* que não fica refletido nos dados de futuros ou de derivados que o operador comum consegue visualizar na sua plataforma. É por isso que dou a Londres a importância que dou, não pelo tamanho das velas, mas sim pela densidade do que ocorre por trás delas. Na minha interpretação, Londres é onde a dinâmica de mercado opera com mais força real e deixa ver com mais clareza o que está efetivamente a ser trabalhado. Muitas vezes Londres encarrega-se de corrigir ou reacomodar aquilo que a sessão asiática moveu de forma mais artificial, devolvendo o preço para onde faz mais sentido de acordo com o que se procura no modelo geral que está a dominar o preço. É por isso que costumo prestar muita atenção ao que o preço faz neste bloco, porque considero que é onde o mercado do ouro fala com mais verdade, apoiado no seu próprio centro físico mundial e não num horário de menor substância onde um movimento amplo pode não significar grande coisa de fundo e ser simplesmente permitido pela dinâmica de mercado para cumprir objetivos a curto prazo que alimentarão um movimento maior, ou simplesmente para acelerar o que já estava a ser trabalhado.

Depois vem a sessão de Nova Iorque, e aqui quero diferenciar algo que para mim é importante, porque na minha interpretação Nova Iorque comporta-se quase como dois momentos distintos dentro do mesmo bloco: a primeira parte abre às duas da tarde na hora de Espanha, que correspondem às oito da manhã nos Estados Unidos, e corresponde à abertura do sistema bancário e interbancário. Esse primeiro momento traz uma entrada forte de atividade e costuma coincidir com a publicação de muitos dados económicos, o que dispara a volatilidade; e a segunda parte ocorre mais tarde, às 9:30 da manhã de Nova Iorque, que é a abertura de Wall Street, a bolsa. Esse segundo momento injeta outra dose de movimento ao entrar todo o mercado bolsista. Por isso convém entender que Nova Iorque não se resume a um único impacto, mas sim a dois: primeiro a banca e os dados, depois a bolsa. Além disso, Nova Iorque sobrepõe-se e acopla-se durante algum tempo com Londres, e esse cruzamento entre as duas sessões é um dos momentos mais movimentados do dia, porque coincidem os dois horários onde a dinâmica opera com maior intensidade. Quando Londres fecha e Nova Iorque continua sozinha, o mercado tende a perder força à medida que a tarde americana avança, os movimentos

tornam-se menos fiáveis, até que entra novamente a calma bolsista, anterior ao ciclo asiático, e tudo se repete no dia seguinte em ciclo contínuo, podendo suceder coisas importantes por vezes no fecho da sessão de Nova Iorque no famoso encerramento de Wall Street.

Há um ponto que quero explicar porque tem muito valor e confunde muita gente: o volume transacionado não significa obrigatoriamente grandes movimentos refletidos nas velas. Costuma assumir-se que, quanto maior for o volume, mais o preço se move, e na minha interpretação as coisas não funcionam de forma tão direta. Pode haver momentos de volume elevado onde o preço mal se mexe, porque esse volume está a ser absorvido entre as duas direções — muitas compras e muitas vendas a encontrarem-se no mesmo ponto, deixando o preço quase imóvel apesar de se negociar uma quantidade enorme. E vice-versa: pode haver momentos de menor volume onde o preço se desloca amplamente porque não existe o suficiente do outro lado a contrabalançar. Portanto, volume alto não é sinónimo de vela grande, nem vela grande é sinónimo de volume alto; são coisas distintas. O volume indica quanto se negoça, mas o movimento depende de como esse volume está distribuído e de se existe ou não algo a conter ou a empurrar. Na minha opinião, compreender isto evita cair na ideia simplista de que mais volume move mais, pois a realidade de como o preço se comporta é bastante mais complexa do que essa relação direta que muitos dão por garantida, tratando-se de algo super básico e sem qualquer relação com tudo o que sucede internamente.

Há algo que quero acrescentar para fechar este tema, que é o facto de as sessões não deverem ser encaradas de forma isolada umas das outras, como se de uma guerra mútua ou de uma competição total se tratasse, mas sim compreendendo que o que acontece numa se conecta com o que virá na seguinte, porque o ouro não recomeça do zero cada vez que abre uma sessão, antes prossegue um trabalho que vem a ser desenvolvido. Aquilo que se acomodou de madrugada é muitas vezes a preparação do que Londres vai executar, e o que Londres deixou encaminhado é o que Nova Iorque pode acelerar ou aproveitar. Deste modo, as três sessões são antes etapas de um mesmo processo da dinâmica de mercado que se vai completando ao longo do dia, e por isso não faz muito sentido isolar um movimento solto de uma sessão e retirar grandes conclusões sem analisar o que vinha a acontecer antes e em que contexto se está a dar, pois é mais importante o porquê de ter sido executado do que a execução em si. É por isso que as sessões anteriores a um movimento de grande envergadura oferecem muito valor; o mesmo movimento numa sessão pode significar uma coisa ou a exatamente oposta consoante o que vinha a ser trabalhado, e essa leitura encadeada é a que na minha interpretação possui verdadeiro valor. O erro mais comum consiste em analisar cada subida ou cada queda como um facto independente, quando na realidade responde a algo de maior envergadura que a dinâmica de mercado vem a executar nas outras. As sessões apenas fornecem a essa dinâmica condições distintas para se mover — momentos onde tem mais liberdade para efetuar movimentos amplos sem oposição, e momentos onde se desloca com maior peso e conflito real —, mas o fio condutor que une tudo é o mesmo modelo de fundo que está a dominar o preço. Para concluir, deixo uma última ideia que na minha interpretação tem muito valor: a hora em que ocorre um movimento é apenas um dado a mais dentro da análise, e não algo que por si só defina o que quer que seja, pois já vi muita gente obcecada em operar apenas em determinadas sessões acreditando que essa é a fórmula mágica, e não é, dado que o ouro responde a algo de fundo que está acima do relógio. A sessão altera apenas as condições em que esse fundo se manifesta, mas não constitui a causa de

nada. Portanto, saber em que sessão se encontra o preço serve para compreender melhor o contexto do que se observa, e não para tomar decisões com base exclusivamente na hora. No fundo, o importante é compreender que cada sessão contribui com a sua parte para o desenvolvimento do preço ao longo do dia, sem que nenhuma por si só constitua a resposta ao movimento, regulando contudo a forma como o movimento é executado. São peças de um mesmo processo que convém analisar em conjunto e não separadamente, e com isto encerro este documento sobre as sessões, esperando que saibam retirar-lhe o valor que possui.